

NOSTALGIA E MELANCOLIA SOB A LENTE DA CIÊNCIA¹

NOSTALGIA Y MELANCOLÍA BAJO LA LENTE DE LA CIENCIA

NOSTALGIA AND MELANCHOLY THROUGH THE LENS OF SCIENCE

Denise Bernuzzi de Sant'Anna*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO: O texto explora alguns aspectos da história dos sentimentos nostálgicos e melancólicos, juntamente com as definições legadas pela psiquiatria para as patologias mentais. O período analisado considera, principalmente, as sociedades industriais das últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, quando ocorreu o aumento da atenção médica para com uma série de perturbações – cujos nomes incluem “doenças nervosas”, “neurastenia”, “melancolia” e “lipemania”. Exemplos vindos da psiquiatria portuguesa serão destacados, assim como o antigo elo entre melancolia e saudade. O pressuposto geral do texto é o de que os impactos da ação humana sobre o planeta intensificam os sentimentos de perda das referências temporais e espaciais. Assim, a era do Antropoceno estaria intimamente relacionada ao fomento dos sentimentos nostálgicos.

PALAVRAS-CHAVE: Nostalgia. Melancolia. Neurastenia. Antropoceno.

RESUMEN: El texto explora algunos aspectos de la historia de los sentimientos nostálgicos y melancólicos, junto con las definiciones legadas por la psiquiatría para las patologías mentales. El período analizado considera, principalmente, las sociedades industriales de las últimas décadas del siglo XIX y las primeras del siglo XX, cuando se produjo un aumento de la atención médica hacia una serie de trastornos —cuyos nombres incluyen “enfermedades nerviosas”, “neurastenia”, “melancolía” y “lipemania”. Se destacarán ejemplos procedentes de la psiquiatría portuguesa, así como el antiguo vínculo entre melancolía y saudade. El supuesto general del texto es que los impactos de la acción humana sobre el planeta intensifican los sentimientos de pérdida de las referencias temporales y espaciales. Así, la era del Antropoceno estaría íntimamente relacionada con el fomento de los sentimientos nostálgicos.

PALABRAS CLAVE: Nostalgia, melancolía, neurastenia, Antropoceno.

* Este artigo resulta de uma pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), intitulada: *Figuras da melancolia em confronto: entre singularidade lusitana e doença universal – 1880-1920*. Processo número: 2024/07774-6.

¹ Livre docente, Doutora em História das civilizações ocidentais pela Universidade de Paris VII, pesquisadora do CNPq. E-mail: dbsat@uol.com.br

ABSTRACT: The text explores some aspects of the history of nostalgic and melancholic feelings, along with the definitions left by psychiatry for mental pathologies. The period analyzed primarily focuses on the industrial societies of the late 19th century and the early 20th century, when there was an increase in medical attention to a series of disorders – whose names include “nervous diseases”, “neurasthenia”, “melancholia”, and “lipemania”. Examples from Portuguese psychiatry will be highlighted, as well as the old connection between melancholia and saudade. The general premise of the text is that the impacts of human activity on the planet intensify feelings of loss of temporal and spatial references. Thus, the Anthropocene era would be closely related to the fostering of nostalgic feelings.

KEYWORDS: Nostalgia. Melancholy. Neurastenia. Anthropocene.

1 INTRODUÇÃO

Nostalgia designa o sofrimento causado pelo desejo irrealizado de retornar. Indica a impossibilidade de voltar à terra natal, de rever as paisagens familiares, os antigos amigos e os lugares marcados por lembranças boas. O termo, cunhado em 1688, pelo médico suíço Johannes Hofer (1669-1752), deriva do grego *nóstos* (regresso ao lar) e álgos (dor), razão pela qual pode desencadear melancolia, cuja gravidade varia em uma escala que vai da saudade à depressão severa.

O texto que se segue pressupõe um elo histórico entre a nostalgia e os impactos nefastos da ação humana sobre a Terra. O período analisado abrange, principalmente, as sociedades industriais das últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, quando ocorreu o aumento da atenção médica para com uma série de perturbações mentais – várias vezes caracterizadas como doenças nervosas –, desencadeadas pelo ritmo de vida metropolitano. Nessa época, a fé no progresso científico e tecnológico atingiu o seu apogeu (Nisbet, 1985), modificando radicalmente as relações dos humanos com a natureza e com o próprio corpo. O período inclui o advento da Primeira Guerra Mundial e o sentimento de perda de um mundo familiar e tradicional, criando um terreno propício para a expressão de sentimentos nostálgicos.

Nesse sentido, se a vida julgada moderna aparecia como uma solução para alavancar várias nações da estagnação ou do atraso, ela também criava novos problemas, os quais, em certa medida, tornaram-se alvo da medicina e, em particular, dos estudos psiquiátricos. Além disso, a doutrina da degenerescência para explicar as doenças mentais, somada ao higienismo florescente e ao espírito positivista em alta naquele período, tenderam a cobrir os sentimentos tristes de uma negatividade considerada imprópria para a saúde e o progresso dos povos.

2 MELANCOLIA LUSITANA: A SAUDADE E O PROGRESSO

A corrida rumo ao progresso e as interpretações dos sentimentos tristes obedeceram às particularidades de cada país e não foram interpretadas da mesma maneira ao longo do tempo. Interessante observar o caso português, não apenas porque apresenta algumas semelhanças com o que se passou no Brasil mas, também, porque Portugal foi percebido, desde há muito, como um país atravessado pela nostalgia e propício à melancolia.

Conforme Scliar (2005), a nostalgia como sinônimo de saudade é um sentimento bem presente na história lusitana. A palavra saudade, segundo o rei dom Duarte, existia apenas no idioma luso. Não por acaso, a percepção de Portugal como uma nação triste, marcada por perdas e traumas, além de um descompasso em relação à modernidade de outros países europeus, testemunha a facilidade com que a melancolia lhe foi associada. O escritor brasileiro Álvares de Azevedo, por exemplo, atribuiu a Portugal “[...] em escala coletiva, e em dimensão político-social, um estado crepuscular, que tem ligação direta com a melancolia resultante da experiência da perda” (Ginzburg, 1999, p. 25).

Obra seminal para o entendimento do tema é o livro de Lourenço (1992) sobre Portugal e a saudade²: embora seja um pequeno território dentro da Europa, ora considerado marginal e pobre, ora pensado como atrasado e isolado, Portugal já foi um império. Talvez exista ainda hoje uma saudade do que Lourenço (2001, p. 94) designou “como uma lâmpada”, que recusa “[...] a apagar-se no meio da noite”.

Contudo, uma relação de proximidade entre o positivismo e o republicanismo também esteve presente nas propostas educativas da Primeira República portuguesa, baseadas na necessidade de uma regeneração social, contrária ao atraso e à inércia, especialmente dos jovens. O ideário positivista marcou as obras de vários psiquiatras portugueses do período, assim como os manuais dos educadores que buscavam higienizar corpo e alma. Ao mesmo tempo, o sentimento de menoridade dos portugueses analisado por Lourenço (2001), relacionado à ideia de uma defasagem de Portugal em relação ao desenvolvimento dos demais países europeus, teve seus comentadores e críticos, caracterizando, em certa medida, a Geração de 70, com Eça de Queirós, Antero de Quental, Oliveira Martins e Teófilo Braga.

No compasso da busca pelo progresso, a partir de 1870, um número crescente de textos favoráveis à vida saudável dos jovens, contra o risco da degenerescência, marcou a imprensa portuguesa. Alguns exemplos a este respeito podem ser rapidamente lembrados: em 1878, houve a publicação do primeiro periódico especializado - *O Gymnasta - Orgão bi-mensual de educação physica*, sob a direção de Paulo Lauret, divulgador da ginástica metódica e da necessidade da ginástica feminina. Lauret também foi autor do *Manual theoretico-practico de gymnastica para uso dos lycéus, collegios, escolas municipaes e primarias*, publicado em Lisboa, em 1881. No primeiro número de *O Gymnasta*, é registrado que: “[...] em vez de uma geração effeminada, nervosa, assustada nas menores dificuldades, irritada nos mais ligeiros obstáculos, gemendo sob o jugo das mais fúteis necessidades do luxo, possamos nós ainda ver uma geração forte no physico e no moral” (Lauret, 1878, p. 1).

Nessa época, a ginástica era vista como uma arte capaz de regenerar os corpos e espíritos ameaçados por “[...] febres pantanosas do luxo, da indolência e do egoísmo”. Muitas vezes não se mencionava diretamente a melancolia ou a nostalgia, mas sim os “[...] germens da morbidez”, combinados a organismos “[...] enfesados e rachíticos”. Tratava-se de cultivar o vigor físico, mas também já se falava em “[...] ativar as funções cerebrais”³. Paulo Lauret mudou-se para o Rio de Janeiro, onde colaborou na imprensa e, ainda, com o Exército Brasileiro – em particular, no Hospital Nacional Brasileiro e na Guarda Nacional da Capital.

Paralelamente, a melancolia ganhava maior importância psiquiátrica, integrando as doenças mentais, conforme, por exemplo, a classificação apresentada no manual de Julio de Matos, de 1884. Nessa obra, pioneira no gênero em Portugal, a melancolia faz parte do capítulo sobre as *Loucuras Vesânicas*, divididas em: delírios generalizados (melancolia, excitação maníaca e loucura parcial) e delírios parciais (mais limitados). A nostalgia não estava diretamente incluída, e sim alguns de seus resultados psíquicos e sintomas, entre os quais se destacam a melancolia e o que Matos (1884) nomeava como *psicose afetiva*. Entretanto, o autor reconhece o atraso de Portugal em matéria de diagnóstico e tratamento, o que, segundo ele, dificultava o enfrentamento dos desafios relacionados ao cuidado de uma quantidade significativa de doentes nos dois principais hospitais psiquiátricos – Conde Ferreira, no Porto, e Rilhafoles, em Lisboa (Matos, 1884).

A tendência em considerar a melancolia uma patologia mental integrou outros estudos durante as primeiras duas décadas do século XX, época na qual muitas emoções tristes passaram a ser mais frequentemente consideradas como uma anormalidade e um problema mental, capaz de ameaçar a ordem social e o progresso nacional. A melancolia não se limitaria, portanto, a ser percebida como uma intensidade das ideias, um traço de algumas almas sensíveis, um estado de tristeza típico de certas épocas da vida ou, ainda, característico da alma lusitana votada à nostalgia de um tempo de bonança que se perdeu. O uso do termo tendeu a ser abarcado por patologias mentais e por um crescente receio de que os melancólicos, e também os nostálgicos, desembocassem em alguma *insanidade degenerativa*. Doenças do sistema nervoso – mas, também, enfermidades que podem, segundo o célebre psiquiatra Emil Kraepelin, traduzir-se em estados depressivos - passavam, assim, a ser mais frequentemente pensadas dentro do

² Eduardo Lourenço escreveu livros incontornáveis para quem estuda o tema e anseia conhecer as bases fundadoras de uma mitologia presente nos grandes clássicos literários portugueses: *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português* (1992); *Mitologia da saudade* (1999).

³ *Idem, ibidem.*

quadro de doenças cerebrais, com riscos sociais e econômicos. E, evidentemente, os estados julgados nostálgicos e melancólicos tenderam a ser vistos como desfavoráveis ao progresso social almejado naqueles anos.

Além disso, uma mentalidade regeneradora, afinada com a expectativa de criar uma nação moderna, saudável e civilizada, influenciaria todo o espectro da educação dos jovens nas escolas portuguesas. Nesse contexto, a disciplina de Educação Física passou a ser obrigatória nos liceus em 1905, embora o interesse pela ginástica e pelos preceitos higiênicos aplicados às crianças já se verificasse em épocas anteriores.

Apesar desses esforços que aliam higiene, progresso, disciplina e saúde, a inspiração de cunho romântico e nostálgico – presente em muitas expressões artísticas e literárias – ainda resistia às críticas vindas de higienistas e, a seguir, de eugenistas do século XX. Mesmo no meio científico, até as últimas décadas do século XIX, não era raro encontrar a tendência de separar a melancolia, entendida como uma tristeza normal e natural, de suas formas consideradas particularmente mórbidas.

De qualquer modo, a diversidade de emoções e sentimentos abarcados pela nostalgia e pela melancolia também dificultava a tarefa de diagnosticá-las e tratá-las. Conforme Pereira (2015), uma segunda fase dessa psiquiatria portuguesa ocorreu com as influências de Egas Moniz e Sobral Cid. A partir deles, e durante as duas primeiras décadas do século XX, o entendimento da melancolia e da nostalgia sofreu modificações ao sabor das expectativas de uma modernização urbana, capaz de inserir Portugal e sua capital no circuito das tecnologias avançadas da Europa. Entretanto, é preciso lembrar que, quando se tratava de pessoas escravizadas, aqueles sentimentos tenderam a ser vistos como sinônimos de um banzo vivido no desterro e agravado com os maus tratos⁴.

3 OS PROGRESSOS DA PSIQUIATRIA NAS “VARIEDADES MELANCÓLICAS”

Vale notar que, assim como no Brasil, em outros países da Europa, a psiquiatria recebeu uma forte influência dos estudos realizados por Jean-Etienne Esquirol sobre as “tristezas debilitantes”. Na esteira das pesquisas realizadas por Phillippe Pinel, Esquirol considerou o termo melancolia uma paixão cuja expressão era bastante familiar aos poetas e comum nos meios mundanos das grandes cidades. Assim, ele sentiu necessidade de encontrar outro termo para as melancolias definidas como doenças do cérebro, que incluíam delírios crônicos e uma tristeza debilitante. A *lipemania* tornou-se um conceito adequado para nomear uma sensibilidade moral ou física julgada anormal. Os casos por ele descritos contribuíram para inscrever os sinais da doença no aspecto físico dos pacientes e em suas atitudes: “[...] alguns melancólicos recusam terminantemente toda a comida” eles não querem mover o corpo, “[...] passam seus dias na solidão e na ociosidade”, andam devagar e são inativos (Esquirol, 1838, p. 411).

Segundo Berrios (2012), naquela época, a *lipemania* era ainda um termo elástico e impreciso. Para Esquirol (1838, p. 399), a lipemania não abarcaria todos os tipos de melancolia, pois esta última estava inscrita na “[...] linguagem vulgar, para exprimir um estado habitual de tristeza de alguns indivíduos”. Esse tipo de tristeza, segundo Esquirol, devia ser deixado para “[...] os moralistas e poetas que em suas expressões não são obrigados a tantas severidades quanto os médicos”⁵.

Na verdade, foi na segunda metade do século XIX, que a tentativa de abarcar a melancolia e a nostalgia dentro do terreno médico conquistou uma importância destacada em diversos países. Entre 1880 e 1920, com a divulgação das pesquisas de Kraepelin, a psiquiatria afirmou o vínculo entre doenças mentais e sistema nervoso, assim como entre problemas emocionais e doenças cerebrais. Desde então, uma série de perturbações emocionais foram interpretadas como sinais de deteriorização das capacidades físicas e cognitivas, enquanto que a dicotomia de origem Kraepeliniana, entre demência precoce e loucura maníaco-depressiva, se tornou uma importante referência psiquiátrica mundial.

⁴ O banzo é um tema relevante para o entendimento das relações entre emoções tristes, questões raciais e de classe social. Ver, em particular, os trabalhos de Ana Maria G. R. Oda, por exemplo, O banzo e outros males: o pathos dos negros escravos na memória de Oliveira Mendes (2007).

⁵ No original: “[...] le mot mélancolie, consacrée dans le langage vulgaire, pour exprimer l'état habituel de tristesse de quelques individus, doit être laissé aux moralistes et aux poètes, qui, dans leurs expressions, ne sont pas obligés à autant de sévérité que les médecins”.

Esquirol (1838), antes dos psiquiatras da era kraepeliana, já havia associado as mazelas do progresso e da modernidade às doenças mentais. Entretanto, na era kraepeliana, o espaço urbano tendeu a ser visto como favorável às manias, à melancolia e à insanidade. Em Portugal, um ano antes da publicação do *Manual das Doenças Mentaes* (1884), de Júlio de Matos, teve início a publicação da revista *A Medicina Contemporânea*, fundada por Miguel Bombarda, Manuel Bento de Souza e Sousa Martins. Começava uma escalada de publicações portuguesas na área. Em 1888, surgiu a *Revista de Neurologia e Psiquiatria*, integrando um conjunto de textos científicos que contribuiriam para dar os rumos da psiquiatria em Portugal no século seguinte.

No Brasil, o escritor e médico Joaquim Manuel de Macedo defendeu, em 1844, uma tese intitulada *Considerações sobre a Nostalgia*. Nela, o autor afirmou que um grande exemplo de nostalgia poderia ser encontrado entre os soldados desterritorializados nos campos de batalha: sem lugar seguro, abrigados provisoriamente, longe da família e dos amigos, eles sofriam de nostalgia. Macedo (1844) também se referiu à nostalgia dos africanos arrancados de suas terras e escravizados nas colônias. A melancolia podia complicar-se quando incluía a nostalgia típica dos desterrados, dos que perderam uma época áurea, dos que não podiam retornar à terra natal, aproximando, em certa medida, a melancolia vivida no Brasil daquela expressa por escritores e artistas de origem portuguesa⁶.

Contudo, nas revistas brasileiras da época, é significativa a quantidade de vezes nas quais a melancolia foi associada a fenômenos naturais, dando azo à poesia. Olhares de tristeza costumavam ser assimilados ao sol poente e ao brilho da lua, enquanto que a tonalidade melancólica podia ser morna, fria ou oceânica, expressando, em certos casos, mágoas majestosas, que inspiravam respeito. Ao mesmo tempo, o luto, reino fúnebre da melancolia, provocador de uma nostalgia longa e profunda, podia se estender para além da morte de um ente querido e incluir, também, a perda de uma comunidade, uma cidade, um determinado modo de vida.

A psiquiatria brasileira abordou a melancolia inúmeras vezes, ora aproximando-a da passividade, ora relacionando-a à paranoíta ou, ainda, ao risco de desencadear agressividade. Afrânio Peixoto (1899), por exemplo, considerava que a dor moral era a causa primária de todas as perturbações melancólicas. Mas, na medida em que a psiquiatria deixava de se restringir aos doentes do espaço asilar para abarcar todos os indivíduos que, de algum modo, poderiam ser classificados como anormais, as emoções tristes tornavam-se passíveis de análise e tratamento médico. Com Juliano Moreira, Franco da Rocha, entre outros nomes importantes da psiquiatria brasileira, uma parte da melancolia e da nostalgia tornou-se matéria de exame e intervenção psiquiátrica para além dos limites do hospício.

4 ANTROPOCENO OU A FÁBRICA DA NOSTALGIA

A hipótese do Antropoceno vem dando margem a várias controvérsias. Não haveria, desde o surgimento da agricultura, uma interferência crescente da humanidade na natureza? Ou então, com a revolução industrial, não teria ocorrido uma crescente destruição dos recursos naturais, ameaçando o futuro da espécie?

Seja qual for a data inicial atribuída ao Antropoceno, uma permanência histórica parece acompanhar o processo de aniquilação das paisagens e dos recursos considerados naturais ao longo da história: a emergência de sentimentos nostálgicos, resultante da perda abrupta dos *espacos afetivos*, entre outras referências constituintes das identidades e da história de cada cultura. Assim, a nostalgia não deixa de ser, também, uma resposta emocional aos impactos nefastos do Antropoceno sobre o planeta.

Vale destacar que a relação entre nostalgia e Antropoceno vem sendo estudada por autores de diversas áreas do conhecimento⁷. No livro *Earth Emotions* (2019), por exemplo, Glenn A. Albrecht investiga as condições psicológicas da vida durante o Antropoceno. O autor menciona o conceito de *Solastalgia*, que designa o sentimento de destruição do ambiente familiar, propondo, assim, uma nova cosmovisão, com capacidade para considerar as emoções humanas diante daquelas do planeta (Albrecht, 2019). Eco-nostalgia e eco-melancolia tornaram-se, igualmente, expressões utilizadas por diferentes investigadores especializados nos elos entre Antropoceno,

⁶ Eduardo Lourenço escreveu um livro incontornável para quem estuda o tema e anseia conhecer as bases fundadoras de uma mitologia presente nos grandes clássicos literários portugueses: *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português* (1992).

⁷ Ver, por exemplo, Salmose e Ishchenko (2024).

biodiversidade e nostalgia⁸. Mas, mesmo quando o Antropoceno não aparece direta e claramente relacionado ao tema, há estudos que fornecem subsídios para que se possa perceber o laço entre esse período geológico e o fomento da nostalgia. A leitura do livro *Nostalgie: histoire d'une émotion mortelle* (2022), de Dodman, por exemplo, sugere uma mudança importante, ocorrida com a noção de nostalgia, durante os séculos XIX e XX. De uma saudade ligada a espaços, a nostalgia passou a incluir, também, a busca de um tempo perdido. Nessa época, ela exerceu um papel central no desenvolvimento do capitalismo e da vida moderna.

A partir do século XX, sobretudo diante dos desastres ecológicos e da produção acelerada de populações sem abrigo, era o caso de supor que o Antropoceno acelera a produção da nostalgia. Ou seja, diante da persistência dos sentimentos notálgicos ao longo do tempo e, tendo em vista as destruições massivas de cidades e culturas na época contemporânea, conclui-se que a era do Antropoceno fabrica uma nostalgia de espaços não degradados pela mão humana, de mares e rios não poluídos, de numerosos animais silvestres hoje em extinção. Sente-se, igualmente, saudades das cidades que continham espaços para descansar e brincar, sem precisar pagar por isso, dos tempos mais lentos e menos estressantes. Saudades, enfim, de épocas, reais ou ilusórias, com corpos menos medicalizados, menos ansiosos, menos cansados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma certa dose de nostalgia vem sendo considerada ora benéfica para a saúde mental, ora responsável por doenças e atitudes sociais maléficas. De fato, há casos nos quais os sentimentos de nostalgia podem reduzir a dor (Kent, 2022), assim como também podem ser negativos quando levam à negação do presente e à recusa em encontrar meios para viver junto às mudanças da atualidade (Galvão, 2023). Há, ainda, pesquisadores que sugerem a necessidade de abrir espaço para a vivência de alguma melancolia e de perceber a nostalgia como uma maneira de manter viva a historicidade das coisas que deixaram de ser úteis, dos seres e paisagens que não mais existem. Nesse caso, a nostalgia alimentaria uma relação com o passado, uma experiência do tempo que não começa e nem se esgota no momento presente.

Nesse sentido, um exemplo interessante a ser lembrado, e com o qual este texto termina, é o livro *Inconsolável* (2024), de Adele Van Reeth. Filósofa e jornalista francesa, Van Reeth escreveu sobre a morte do seu pai, reivindicando para si manter-se *inconsolável*. Não propriamente para viver a experiência do luto, mas para deixar de negar o *inconsolamento*. Segundo a autora, desde o nascimento, os seres humanos são acompanhados pelo sentimento de perda. Por conseguinte, inconsolável seria a nossa condição antropológica (Van Reeth, 2024). Não por acaso, desde os primórdios da história, existem registros sobre os sofrimentos e tristezas desencadeados por alguma perda.

Entretanto, não há garantias de que as emoções tristes – tais como a melancolia e a nostalgia – tenham, nelas mesmas, algum potencial necessariamente negativo ou positivo. Suas formas de expressão já foram objeto de análise psiquiátrica, de tratamentos farmacológicos e, também, de inspiração para as artes e a literatura. Desde as últimas décadas do século passado, elas foram cada vez mais associadas, inclusive, aos efeitos nefastos do Antropoceno.

Resta, portanto, continuar a pesquisar as suas novas configurações, os seus imprevisíveis sintomas, especialmente na contemporaneidade, quando o acelerado impacto das intervenções dos humanos sobre o planeta os transforma em *agentes geológicos*, cujas as ações têm consequências não unicamente dentro de um regime político ou de uma comunidade, mas em uma escala planetária e global⁹.

⁸ Ver, por exemplo, a coletânea de Godet, Dufour e Rollet (2023).

⁹ Ver Chakrabarty (2021).

REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, G. A. *Earth emotions: new words for a new world*. New York: Cornell University Press, 2019.
- BERRIOS, G. E. Melancolia e depressão durante o século XIX: uma história conceitual. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 590-608, set. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142012000300011&script=sci_arttext&tlang=pt. Acesso em: 10 jul. 2020.
- CHAKRABARTY, D. *The Climate of History in a Planetary Age*. Chicago: Universidade de Chicago, 2021.
- DODMAN, T. *Nostalgie: histoire d'une émotion mortelle*. Paris: Seuil, 2022.
- DOUVILLE, O. De la mélancolie dans la psychiatrie classique: um jeu de débats. *Figures de la Psychanalyse*, Paris, n. 26, p. 41-43, 2013.
- ESQUIROL, É. *Des maladies mentales: considérées sous les rapports médical, hygiénique et méïco-légal*. Paris: J. B. Ballière, 1838.
- GALVÃO, J. Sentimento de nostalgia pode ser negativo quando traz a não aceitação do presente. *Jornal da USP*, São Paulo, 22 nov. 2023. Disponível: <https://jornal.usp.br/radio-usp/sentimento-de-nostalgia-pode-ser-negativo-quando-traz-a-nao-aceitacao-do-presente/>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- GINZBURG, J. História e melancolia em literatura e civilização em Portugal. *Estudos Portugueses e Africanos*, Campinas, v. 33, n. 34, p. 21-27, jan./dez. 1999. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/epa/article/view/5377>. Acesso em: 04 maio 2025.
- GODET, L.; DUFOUR, S.; ROLLET, A.-J. (org.) *Conservation de la biodiversité et état de référence: la nostalgie de la nature à l'ère de l'anthropocène*. Londres: ISTE, 2023.
- KENT, L. Sentimento de nostalgia pode reduzir a percepção da dor, diz estudo. *CNN Brasil*, São Paulo, 28 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/sentimento-de-nostalgia-pode-reduzir-a-percepcao-da-dor-diz-estudo/>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- LAURET, P. *Manual theorico-practico de gymnastica para uso dos lycéus, collegios, escolas municipaes e primarias*. Lisboa: Empreza Horas Românticas, 1881.
- LAURET, P. *O Gymnasta: orgão bi-mensal de educação physica*, Porto, 15 nov. 1878.
- LOURENÇO, E. *Portugal como destino seguido de Mitologia da Saudade*. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2001.
- MACEDO, Joaquim Manoel. *Considerações sobre a nostalgia*. Faculdade de Medicina: Rio de Janeiro, 1844.
- MATOS, Julio. *Manual das doenças mentais*. Porto: Campos e Godinho, 1884.
- NISBET, R. A. *História da ideia de progresso*. Tradução de Leopoldo J. C. Jobim. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- ODA, A. M. G. R. O banzo e outros males: o pathos dos negros escravos na memória de Oliveira Mendes. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 346-361, abr./jun. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000200346&tlang=pt&tlng=pt. Acesso em: 7 jul. 2020.
- PEIXOTO, A. Coexistencia episodica dos delirios persecutorios e mystico na melancholia. *O Brazil-Medico – Revista Semanal de Medicina e Cirurgia*, Bahia, ano 13, n. 14, p. 128-131, 8 abr. 1899.

PEREIRA, J. Morgado. *A psiquiatria em Portugal, protagonistas e história conceptual (1884-1924)*, Doutorado, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.

SALMOSE, N.; ISHCHEKO, A. Anthropocene nostalgia. In: BECKER, T.; TRIGG, D. (ed.). *The Routledge handbook of nostalgia*. Londres: Routledge, 2024. p. 237-252.

SCLiar, M. Saudade sinistra. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano 7, n. 1, p. 161-163, mar. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rtpf/a/M5Pw6vxM99MJ53hHKgrsbyD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.

VAN REETH, A. *L'inconsolable*. Paris: Gallimard, 2024.



Recebido em 05/04/20205. Aceito em 02/09/2025.

Publicado em 25/09/2025.